



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO
MEDICINA VETERINÁRIA**

**HELIDIANA MAGALHÃES COSTA
LUCIANA KELLER BAIMA QUEIROZ**

ESPOROTRICOSE FELINA: REVISÃO DE LITERATURA

FORTALEZA

2023

HELIDIANA MAGALHÃES COSTA
LUCIANA KELLER BAIMA QUEIROZ

ESPOROTRICOSE FELINA: REVISÃO DE LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Medicina Veterinária da Universidade Metropolitana da grande Fortaleza - UNIFAMETRO – como requisito para a obtenção do grau de bacharel em Medicina Veterinária, sob a orientação da Prof.^a Dra. Ana Caroline Moura Rodrigues Ciríaco.

FORTALEZA

2023

HELIDIANA MAGALHÃES COSTA
LUCIANA KELLER BAIMA QUEIROZ

ESPOROTRICOSE FELINA: REVISÃO DE LITERATURA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao curso de Bacharel em Medicina
Veterinária da Universidade Metropolitana da
grande Fortaleza - UNIFAMETRO - tendo
sido aprovado pela banca examinadora
composta pelos professores abaixo:

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Ana Caroline Moura Rodrigues Ciríaco.
Orientadora – Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza

Prof^ª. Dra. Bárbara Mara Bandeira Santos
Membro - Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza

Dra. Gabriela Maria Schwinden
Membro - Centro de Medicina Veterinária UNIFAMETRO

AGRADECIMENTOS

Helidiana Magalhães Costa

Agradeço a Deus, fonte de toda sabedoria e inspiração, por guiar meus passos e iluminar meu caminho durante toda essa jornada. Sua sabedoria foi a luz que orientou meus pensamentos e reflexões.

Agradeço também imensamente aos meus pais, Ana Isabel e Hélio, por acreditarem em mim quando eu duvidava, por incentivarem meus sonhos e por serem a base sólida que sustentou cada desafio que enfrentei. Este trabalho não é apenas meu, mas também uma expressão do apoio incondicional que recebi de vocês ao longo desses anos.

Gostaria de expressar minha profunda gratidão à Clínica Veterinária Lemani Pet 24h pela oportunidade de realizar meu estágio neste respeitável ambiente profissional. Esta experiência foi fundamental para o meu crescimento acadêmico e profissional.

Gostaria de expressar minha sincera gratidão a todos os médicos veterinários que tive o privilégio de acompanhar ao longo desses últimos meses. Essa jornada foi enriquecida pelas experiências práticas e aprendizados proporcionados por esses profissionais dedicados. A cada um dos veterinários que compartilhou seu tempo, conhecimento e experiência comigo, meu mais profundo agradecimento.

Agradeço a todos os professores durante todos esses anos por seu empenho e, muitas vezes, paciência; cada um de vocês contribuiu para minha formação.

Agradeço a minha colega de trabalho Luciana por sua dedicação e comprometimento nessa jornada.

E, por fim, agradeço à minha orientadora, Ana Caroline Ciriaco, que já foi minha professora e é um grande exemplo profissional. Muito obrigada por acreditar no nosso trabalho, e por toda a dedicação e paciência.

AGRADECIMENTOS

Luciana Keller Baima Queiroz

Primeiramente, desejo expressar minha gratidão a Deus por me conceder força e assistência ao longo dos anos de minha jornada acadêmica. Além disso, sou profundamente grata à minha família, e em especial a minha mãe Rocicleia Baima, que sempre me apoiou e incentivou durante essa trajetória.

Gostaria de estender meus agradecimentos à minha orientadora Dra Ana Caroline, cuja inestimável contribuição desempenhou um papel fundamental no sucesso deste projeto. Sua orientação foi crucial para a realização deste trabalho.

Também quero manifestar meu apreço à minha colega de trabalho Helidiana, que compartilhou conhecimento e cooperação ao longo de todo o desenvolvimento desta pesquisa. Sua colaboração foi inestimável.

Por fim, quero expressar minha gratidão a todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram para a conclusão deste trabalho de conclusão de curso e para o meu crescimento acadêmico. Muito obrigada a todos!

Seja gentil, pois cada pessoa que você encontra

está travando uma grande batalha.

Ian MacLaren

ESPOROTRICOSE FELINA: REVISÃO DE LITERATURA

Feline Sporotrichosis: Literature review

Helidiana Magalhães COSTA¹; Luciana Keller Baima QUEIROZ¹; Ana Caroline Moura
Rodrigues CIRÍACO^{1*}.

Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO, Rua Carneiro da Cunha, 180 - Campos
Carneiro da Cunha, Jacarecanga, Fortaleza/CE. CEP: 60010-470.

*Email: helidiana.costa@aluno.unifametro.com, lucinhabaima@gmail.com,
ana.ciriaco@professor.unifametro.edu.br.

RESUMO

A esporotricose é uma infecção micótica causada pelo fungo dimórfico *Sporothrix schenckii*. Essa infecção pode variar de subaguda a crônica e pode afetar tanto mamíferos domésticos quanto silvestres, incluindo seres humanos. Portanto, desempenha um papel significativo na saúde pública por ser uma zoonose. O gato doméstico desempenha um papel importante na transmissão da doença. Este trabalho visa explicar sobre a esporotricose felina, desde como ocorre a infecção até o tratamento e a transmissão para o homem.

Palavra chave: Zoonose, felino, fungo, saúde pública

ABSTRACT

Sporotrichosis is a fungal infection caused by the dimorphic fungus *Sporothrix schenckii*. This infection can range from subacute to chronic and can affect both domestic and wild mammals, including humans. Therefore, it plays a significant role in public health as a zoonosis. Domestic cats play a crucial role in the transmission of the disease. This work aims to elucidate feline sporotrichosis, from how the infection occurs to treatment and transmission to humans.

Key words: Zoonosis, feline, fungus, public health

INTRODUÇÃO

Sporothrix schenckii é um fungo dimórfico, saprófita e cosmopolita, com ocorrência principalmente em regiões de clima tropical e temperado (MEGID; RIBEIRO; PAES, 2020).

A esporotricose já foi descrita em várias espécies, como equinos, bovinos, suínos, caprinos, raposas, camelos, primatas, caninos e seres humanos, mas acomete especialmente os felinos domésticos (PIRES, 2017).

O complexo *Sporothrix schenckii* abrange diversas espécies, entre elas *S. brasiliensis*, *S. globosa*, *S. mexicana* e *S. lurie* (MEGID; RIBEIRO; PAES, 2020). Sendo o *Sporothrix brasiliensis* o principal agente causador de esporotricose no Brasil (GUIMARÃES; GUIMARÃES, 2022).

Os felinos, principalmente gatos machos não castrados, de rua e semi-domiciliados, desempenham um papel significativo na transmissão e propagação da doença. A propagação da doença nesta espécie pode estar relacionada á alguns hábitos desses animais, de cavar buracos na terra e pelo seu comportamento territorialista (ARAUJO; LEAL, 2016).

A forma de transmissão da esporotricose está associada a arranhões e/ou mordeduras de animais infectados e ao contato direto com suas lesões (NELSON; COUTO, 2015). Essa micose pode afetar tecidos cutâneos, subcutâneos, linfáticos e até mesmo outros órgãos. Algumas das manifestações clínicas da esporotricose incluem pápulas, nódulos, úlceras e linfadenomegalia, podendo apresentar também, perda de peso, apatia, anorexia e outros sinais clínicos inespecíficos. As lesões geralmente são encontradas nas narinas, cavidade nasal e oral, mas podem se disseminar para outras regiões.

Por muito tempo foi considerada somente como uma doença ocupacional, no que profissões, como floristas, agricultores, jardineiros, caçadores, veterinários estão mais suscetíveis a contrair a infecção (NEVES et al., 2018).

O diagnóstico é estabelecido por meio de exames citológicos, histopatológicos, cultura fúngica, sorologia e métodos de imuno-histoquímica. Por se tratar de uma doença que apresenta lesões de pele semelhante a outras afecções, devem ser descartadas a leishmaniose, criptococose, infecções bacterianas, lesões causadas por brigas, neoplasias como diagnósticos diferenciais para se obter o diagnóstico definitivo (JERICÓ, 2015).

O tratamento consiste na administração de iodetos e compostos derivados de imidazóis e triazóis e em alguns casos, remoção cirúrgica das lesões (PIRES, 2017).

69 Este trabalho tem como objetivo realizar uma revisão da literatura sobre a
70 esporotricose em felinos, destacando sua relevância na saúde pública e promovendo a
71 conscientização sobre a importância dessa doença.

72

73

METODOLOGIA

74

75 Este estudo baseia-se em uma abordagem qualitativa. A pesquisa foi conduzida por meio de
76 revisão bibliográfica de livros, artigos científicos e notícias. A coleta de dados abrangeu o
77 período de 2018 a 2023, possibilitando uma análise sobre como a doença ocorre, quais
78 indivíduos são mais afetados, as regiões mais impactadas pela doença, além da importância
79 desta para a saúde pública.

80

81

REVISÃO DE LITERATURA

82

Sporothrix schenckii

84 O agente causador da esporotricose é *Sporothrix schenckii*, um fungo dimórfico,
85 geofílico, saprófito e cosmopolita (GUIMARÃES; GUIMARÃES, 2022). Já foi relatado sua
86 existência em seres humanos, chimpanzés, gatos, cães, porcos, camundongos, ratos, hamsters,
87 mulas, cavalos, burros, bovinos, caprinos, raposas, tatus, golfinhos, camelos e aves
88 domésticas (CREENE, 2015). O *S. schenckii* encontra-se disperso na natureza, em material
89 orgânico em decomposição, como espinhos, madeira, palha, musgo e até mesmo em solo rico
90 em esses materiais. É mais comum em áreas quentes com climas tropicais e subtropicais
91 (CRAIG; GREENE, 2015).

92 Em temperaturas ambientais entre 25 e 30°C, o *S. schenckii* assume uma forma
93 filamentosa, enquanto que em temperaturas corporal de 37°C, ele se apresenta na forma de
94 levedura (MEGID; RIBEIRO; PAES, 2020).

95 O patógeno pode permanecer nas camadas da derme e/ou nos tecidos subcutâneos,
96 mas tem o potencial de se disseminar para outros locais, como os linfonodos, e também de
97 sofrer disseminação sistêmica pela corrente sanguínea, podendo assim atingir diversas regiões
98 do corpo (CRAIG; GREENE, 2015).

99

Epidemiologia

100 Os felinos desempenham um importante papel epidemiológico na propagação da
101 doença. Isso está relacionado aos seus hábitos, uma vez que costumam cavar buracos na terra,
102

103 cobrir seus excrementos, arranhar árvores e escalar troncos de árvores, o que resulta na
104 deposição do fungo em suas garras. Além disso, devido ao seu comportamento territorialista
105 muito forte, eles frequentemente se envolvem em brigas e disputas por seu ambiente, o que
106 facilita a transmissão da esporotricose (SCHUBACH et al., 2001). Por isso, os mais afetados
107 são felinos machos não castrados, com livre acesso à rua ou semi domiciliados. Os felinos são
108 considerados o principal reservatório do fungo *S. schenckii* devido ao acúmulo de fungos em
109 suas lesões (CRMV-SP, 2015).

110 Durante muito tempo, a doença foi considerada ocupacional, com profissões como
111 floristas, agricultores, jardineiros, caçadores e veterinários sendo mais suscetíveis à infecção
112 (NEVES et al., 2018). Atualmente, devido à presença de felinos no ambiente familiar, a
113 transmissão da doença se torna mais facilitada e não está mais restrita apenas à ocupação do
114 ser humano (BRUM et al., 2007).

115 A esporotricose é uma doença de distribuição mundial. Nos dias atuais, é
116 considerada rara no continente europeu; no entanto, é frequente nas regiões brasileiras,
117 africanas, australianas, japonesas e em toda a região americana (FARIAS et al., 2018). É
118 relatada como a micose subcutânea mais comum na América Latina, e dados obtidos pela
119 Fiocruz mostram que, no Brasil, de 2014 a 2019, houve 109 atendimentos com antifúngicos
120 para o tratamento de pacientes humanos com esporotricose. No Brasil, ainda não é uma
121 doença de notificação compulsória, mas em alguns estados do país, como Rio de Janeiro,
122 Minas Gerais, Pernambuco e Bahia, a doença tomou proporções de surto/epidemia e passou a
123 ser de notificação obrigatória em seres humanos (CFMV, 2020).

124 Dados atuais obtidos em 2023 mostram que os casos da doença têm aumentado no
125 território nacional, assim como em outros países adjacentes, como Argentina e Uruguai,
126 chamando a atenção da Sociedade Brasileira de Infectologia. Segundo informações adquiridas
127 pela Sociedade Brasileira de Dermatologia, a doença é considerada a maior infecção por
128 animais no mundo (SBD, 2023).

129

130 **Patogenia e transmissão**

131 A infecção por *Sporothrix sp.* ocorre devido à inoculação traumática do fungo, uma
132 vez que ele não é capaz de penetrar na pele íntegra. Após a inoculação e penetração na pele, o
133 fungo assume sua forma leveduriforme. Nessa fase, ele pode permanecer no local da
134 inoculação, originando lesões, ou se disseminar pelas vias linfáticas locais e hematógenas,
135 caracterizando a forma cutânea disseminada, que pode evoluir para a forma sistêmica da
136 doença, considerada a mais grave (CRAIG; CREENE, 2015). Além disso, a inalação,

137 aspiração ou ingestão do fungo também podem resultar em doença, embora sejam menos
138 comuns (BRUM et al., 2007).

139 Após a inoculação, forma-se o esporotricoma, que é a primeira lesão causada pelo
140 *Sporothrix sp.* e se apresenta como uma lesão papilomatosa local. Dependendo das condições
141 imunológicas do paciente e da virulência do fungo inoculado, a lesão pode evoluir
142 espontaneamente para a cura clínica, sem tratamento ou pode levar ao desenvolvimento da
143 forma disseminada da doença, com lesões em outras áreas do corpo que frequentemente se
144 tornam ulceradas (LARSSON; LUCAS, 2019). Portanto, o estado imunológico do paciente
145 desempenha um papel crucial nesse contexto, e esse imunocomprometimento pode ser
146 influenciado por infecções virais, bacterianas ou protozoárias.

147 As lesões ocorrem principalmente em regiões cefálicas, membros torácicos e patas.
148 (PIRES, 2017). Isso pode estar relacionado aos hábitos dos felinos já citados neste trabalho, e
149 frequentemente as partes do corpo que são as mais afetadas em brigas decorrentes de disputas
150 territoriais (ARAUJO; LEAL, 2016).

151 Alguns fatores de virulência da esporotricose incluem a termotolerância, que
152 significa que os fungos podem fazer a transição da forma não infectante para a forma
153 infectante em temperatura ambiente, a produção de melanina, que é considerada um fator de
154 resistência a alguns tratamentos antifúngicos, e a capacidade de produzir diversas enzimas,
155 como proteases, lipases e ureases, que desempenham um papel importante nos danos
156 causados ao tecido do paciente infectado (GREENE, 2015). Segundo FARIAS et al. (2018), a
157 melanina é necessária para que o agente sobreviva nas condições externas do ambiente, *in*
158 *vitro* foi demonstrado que ela aumenta a resistência do fungo à fagocitose por macrófagos, o
159 que favorece a evolução da infecção.

160

161 **Manifestações clínicas**

162 A esporotricose pode se manifestar de forma cutânea, extra cutânea e sistêmica
163 (MEGID; RIBEIRO; PAES, 2020). As manifestações clínicas cutâneas englobam o
164 surgimento de lesões fixas ou localizadas, linfocutâneas e cutâneas disseminadas
165 (GUIMARÃES; GUIMARÃES, 2022). Essas lesões se apresentam como pápulas, nódulos,
166 abscessos e pústulas (BISONE, 2019), caracterizando-se por áreas circulares elevadas,
167 alopecias e presença de crostas, muitas vezes acompanhadas de ulcerações que podem liberar
168 um exsudato variando de serossanguinolento a purulento (SILVA; NEGRINI, 2023). Essas
169 lesões podem progredir, resultando em extensas áreas de necrose, o que leva à exposição de
170 músculos e ossos.

171 As manifestações extra cutâneas podem ocorrer em pulmão, nas articulações, ossos,
172 globo ocular, sistema nervoso central e periférico, glândula mamária, epidídimo, pâncreas,
173 baço, fígado, rins e tireóide. Enquanto a forma sistêmica apresenta sinais clínicos
174 inespecíficos, tais como letargia, prostração, anorexia e febre (MEGID; RIBEIRO; PAES,
175 2020). Em gatos, a doença frequentemente segue um curso prolongado, afetando-os de forma
176 sistêmica, o que torna o tratamento desafiador e pode resultar no óbito dos pacientes (BISON;
177 PARENTONI; BRASIL, 2020).

178

179 **Diagnóstico**

180 A esporotricose, como outras doenças, possui diversos meios de diagnóstico,
181 podendo ser utilizado o diagnóstico clínico, com base em dados de anamnese, sinais clínicos e
182 exame físico. Atualmente, o exame parasitológico é considerado a principal opção para o
183 diagnóstico definitivo da doença. Isso é feito por meio de uma cultura utilizando secreções ou
184 fragmentos da lesão, onde é possível identificar a espécie envolvida na infecção. No entanto,
185 apresenta uma desvantagem, visto que o crescimento da cultura pode ser demorado, atrasando
186 o diagnóstico concludente (SOUZA, 2020).

187 O exame citológico é uma alternativa de diagnóstico rápida e de execução simples.
188 Nele, as secreções obtidas a partir da lesão primária podem revelar a presença de leveduras do
189 fungo, dentro ou fora de macrófagos e neutrófilos. Este método pode ser bastante eficaz em
190 felinos, uma vez que suas lesões geralmente contêm grandes quantidades de leveduras. No
191 entanto, nos casos em que as leveduras não são visualizadas, é possível obter um diagnóstico
192 com base na observação de um processo inflamatório granulomatoso com abundantes
193 quantidades de macrófagos. Esse diagnóstico pode ser complementado com os dados do
194 histórico do animal e as suspeitas clínicas associadas (SOUZA, 2020).

195 O exame histopatológico envolve a análise de tecido biológico e é utilizado para
196 diagnósticos mais precisos, bem como para uma compreensão mais aprofundada da natureza
197 de doenças e condições. Quando aplicado para o diagnóstico da esporotricose, ele revela
198 inflamação piogranulomatosa, com inúmeros microrganismos nas lesões dos felinos. A
199 coloração dos fungos com hematoxilina e eosina pode auxiliar na identificação dos
200 microrganismos envolvidos na infecção (ETTINGER, FELDMAN E COTÉ, 2022).

201 Se tratando de uma zoonose as amostras coletadas que forem ser enviadas para
202 diagnóstico devem sempre ser identificadas como suspeita da doença, pois a cultura desses
203 fungos colocam em risco a saúde dos profissionais. Mesmo em casos de amostras de cães que
204 são consideradas de carga fúngica menor que as de felinos.

205
206
207
208
209
210
211
212
213
214
215
216
217
218
219
220
221
222
223
224
225
226
227
228
229
230
231
232
233
234
235
236
237
238

Diagnóstico diferencial

É importante excluir outras afecções que têm sinais clínicos semelhantes ao da esporotricose (BISON; PARENTONI; BRASIL, 2020). Essas condições podem ter causas tanto infecciosas quanto não infecciosas, afetando tanto a pele (derme e epiderme) quanto apresentando um quadro sistêmico. Entre as doenças mais comuns que devem ser consideradas no diagnóstico diferencial estão piodermites, leishmaniose, carcinomas de células escamosas, tumor venéreo transmissível (TVT), criptococose, neoplasias e outras (SILVA; NEGRINI, 2023).

Tratamento

O tratamento para a patologia fúngica é realizado por meio de antifúngicos orais. Esses fármacos atuam inibindo a síntese de ergosterol, que é um componente importante presente na membrana celular do fungo *Sporothrix spp.* Médicos veterinários também podem associar ao tratamento fúngico o uso de antibióticos para tratar infecções bacterianas secundárias que possam estar associadas. O uso de pomadas cicatrizantes também pode ser empregado no tratamento, auxiliando o tratamento oral e promovendo uma melhor recuperação das lesões na pele, especialmente aquelas consideradas de difícil cicatrização (INOVA-SP, 2020).

Atualmente, o tratamento padrão da esporotricose em felinos é realizado com base no uso do itraconazol (10 mg/kg/24h) via oral. Essa medicação é preferida em vez do tratamento anterior com cetoconazol e iodeto de potássio, devido à tendência dos felinos em desenvolver efeitos adversos ao usar esses fármacos. Recomenda-se que o tratamento seja administrado por pelo menos trinta dias, dependendo do desaparecimento dos sinais clínicos. É importante observar que esse é considerado um tratamento prolongado, com o animal continuando a utilizar o fármaco por um período mínimo de 4 a 6 meses (ETTINGER; FELDMAN; COTÉ, 2022).

A criocirurgia pode ser utilizada como tratamento adjuvante para a forma cutânea da esporotricose, principalmente em felinos que apresentam quadros nasais da doença. Essa abordagem auxilia o tratamento sistêmico com itraconazol, ajudando a reduzir a carga de leveduras e a acelerar o tratamento medicamentoso. Nesse método, o nitrogênio líquido é empregado para congelar as lesões, e essa técnica é amplamente utilizada na dermatologia para tratar lesões na pele (SOUZA, 2020).

239 **Profilaxia e controle**

240 Algumas medidas e ações são estabelecidas para a prevenção e controle da doença
241 em questão. Uma das medidas mais importantes é manter os gatos em ambiente doméstico,
242 utilizar telas de proteção em janelas e portões. Ao introduzir um novo animal de estimação,
243 mantê-lo separado dos outros e evitar ao máximo o contato, além de levá-lo ao médico
244 veterinário (NOTA TÉCNICA, 2023).

245 Ao receber um animal com suspeita de esporotricose, o médico veterinário deve estar
246 ciente da importância do uso de luvas durante todo o atendimento, principalmente ao realizar
247 a colheita de amostras para os exames. Após o atendimento, é crucial realizar a higienização
248 adequada no local onde o animal foi atendido (SILVA; NEGRINI, 2023).

249 Além disso, é fundamental deixar claro o risco zoonótico da doença, ou seja, o risco
250 de transmissão da esporotricose de animais para seres humanos. É importante informar sobre
251 como tratar o animal acometido, bem como as medidas necessárias para prevenir a
252 disseminação da doença, tanto entre os animais como para os profissionais e tutores de
253 animais. Dessa forma, a atenção ao uso de luvas, a higienização do ambiente e a
254 conscientização sobre o risco zoonótico são passos essenciais no manejo de casos de
255 esporotricose em animais (CFMV, 2022).

256 Animais com suspeita ou até mesmo confirmação da doença não devem ser
257 abandonados, pois a esporotricose é tratável. Da mesma forma, animais falecidos não devem
258 ser descartados no lixo comum ou enterrados, devido ao risco de contaminação. O
259 procedimento recomendado é a incineração do corpo do animal que tenha falecido, reduzindo
260 assim o risco de contaminação do meio ambiente (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2023).

261

262 **Saúde Pública**

263 A esporotricose é considerada uma doença emergente, que está se expandindo cada
264 dia mais em território nacional. Os casos em animais ainda não são de notificação obrigatória
265 em todo o país, mas após o atendimento de casos suspeitos, é recomendada a comunicação
266 com os serviços de vigilância de zoonoses dos municípios (CRMV-ES, 2020).

267 A transmissão para os humanos pode ocorrer de duas formas: por meio de contato
268 direto com o solo ou vegetação contaminada e por meio de traumas ou contato com
269 ferimentos de felinos contaminados. O primeiro caso de esporotricose felina com possível
270 transmissão para humanos ocorreu na região do litoral de São Paulo e foi descrito por Larsson
271 et al. em 1989, como relatado por MEGID; RIBEIRO; PAES, (2020).

272 A esporotricose felina é uma patologia de grande importância para a saúde pública.
273 Segundo a Secretaria de Saúde do Estado do Paraná, ela é considerada a principal fonte de
274 infecção zoonótica para o homem. Tutoras, veterinários e pessoas que terão contato direto
275 com o animal infectado devem tomar precauções para evitar exposição direta a lesões e
276 exsudatos. Sempre é recomendado o uso de luvas ao interagir com o animal e a manutenção
277 de uma rigorosa higiene, tanto em clínicas quanto na residência do proprietário do felino
278 acometido (ETTINGER; FELDMAN; CÔTÉ, 2022).

279 Apesar de a esporotricose ser uma doença endêmica, principalmente na região
280 centro-oeste do Brasil, observa-se uma disseminação dos casos por diversas partes do país.
281 Em 2022, no Ceará, um estado onde não se apresenta endemias da patologia, foi registrado o
282 primeiro caso autóctone de esporotricose em felinos. Além disso, há uma crescente
283 investigação de casos em humanos na região, incluindo três pessoas, sendo uma delas um
284 funcionário de uma clínica veterinária. Este profissional contraiu a doença após sofrer uma
285 lesão durante um procedimento envolvendo um animal. Estratégias de vigilância em saúde
286 única vêm sendo priorizadas para identificação precoce da doença (BJID, 2023).

287 A partir de 2018, no estado da Paraíba, profissionais de saúde que suspeitarem de
288 casos de esporotricose humana passaram a ser obrigados a realizar a notificação compulsória
289 ao Ministério da Saúde. A incidência da doença tem despertado a atenção das autoridades,
290 destacando-se um registro de 409 casos em 2021 apenas no município de João Pessoa,
291 conforme dados da Prefeitura local (PREFEITURA DE JOÃO PESSOA, 2021).

292

293

CONSIDERAÇÕES FINAIS

294

295 Em síntese, a esporotricose surge como uma preocupação expressiva em termos de
296 saúde pública, destacando-se como uma zoonose clinicamente relevante e com impacto
297 epidemiológico. O agente causal, o fungo dimórfico *Sporothrix schenckii*, encontra-se
298 amplamente distribuído na natureza, afetando diversas espécies, mas é notável o papel crucial
299 dos felinos domésticos na disseminação da doença. O diagnóstico, desafiador devido à
300 semelhança com outras enfermidades, exige precisão. O tratamento, centrado no uso de
301 antifúngicos, demanda dedicação e persistência por parte dos envolvidos.

302

303

304

Nesse contexto, este trabalho reforça a importância de uma abordagem integrada
entre médicos veterinários, profissionais de saúde e tutores, visando não apenas a eficácia no
tratamento dos animais afetados, mas também à prevenção da propagação da esporotricose,

305 reconhecendo seu impacto significativo na saúde pública. A conscientização sobre os riscos, a
306 disseminação de boas práticas e o investimento em pesquisas contínuas são fundamentais para
307 enfrentar esse desafio complexo e em constante evolução.

308

309

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

310

311 ARAÚJO, F. S.; LEAL, A. M. M. **Esporotricose Felina: Um Estudo de Caso.** *Pubvet*, v. 10,
312 n. 11, p. 816-820, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22256/pubvet.v10n11.816-820>. Disponível
313 em: <https://www.pubvet.com.br/uploads/c252521bcf2c47bba668ea34469db124.pdf>. Acesso
314 em: [20/10/2023].

315

316 Associação Brasileira de Saúde Pública. **Por que a esporotricose é questão de saúde**
317 **pública?** Disponível em: [https://www.crmves.org.br/por-que-a-esporotricose-e-questao-de-](https://www.crmves.org.br/por-que-a-esporotricose-e-questao-de-saude-publica/)
318 [saude-publica/](https://www.crmves.org.br/por-que-a-esporotricose-e-questao-de-saude-publica/). Acesso em: 31 de outubro de 2023.

319

320 BRASIL. Ministério da Saúde. **Nota Técnica No. 60/2023 - CGZV/DEDT/SVSA/MS.**
321 Disponível em: [https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/notas-](https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/notas-tecnicas/2023/nota-tecnica-no-60-2023-cgzv-dedt-svsa-ms)
322 [tecnicas/2023/nota-tecnica-no-60-2023-cgzv-dedt-svsa-ms](https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/notas-tecnicas/2023/nota-tecnica-no-60-2023-cgzv-dedt-svsa-ms). Acesso em: 01 nov. 2023.

323

324 BRUM, L. C. et al. **Principais Dermatoses Zoonóticas de Cães e Gatos.** *Clínica*
325 *Veterinária*, São Paulo, n. 69, p. 29-46, 2007.

326

327 CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA VETERINÁRIA (CFMV). **Por que a**
328 **Esporotricose é Questão de Saúde Pública.** Disponível em: [https://www.cfmv.gov.br/por-](https://www.cfmv.gov.br/por-que-a-esporotricose-e-questao-de-saude-publica/comunicacao/noticias/2020/07/30/)
329 [que-a-esporotricose-e-questao-de-saude-publica/comunicacao/noticias/2020/07/30/](https://www.cfmv.gov.br/por-que-a-esporotricose-e-questao-de-saude-publica/comunicacao/noticias/2020/07/30/). Acesso
330 em: 8 de outubro de 2023.

331

332 CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA VETERINÁRIA DO ESTADO DE SANTA
333 CATARINA. **Por que a Esporotricose é Questão de Saúde Pública.** Disponível em:
334 <https://www.crmves.org.br/por-que-a-esporotricose-e-questao-de-saude-publica/>. Acesso em:
335 31 de outubro de 2023.

336

337 CRIVELLENTI, L. Z.; CRIVELLENTI, S. B. **Casos de Rotina em Medicina Veterinária de**
338 **Pequenos Animais.** 3. ed. São Paulo: Editora MedVet, 2023.

339
340 ETTINGER, Stephen. FELDMAN, Edward. CÔTÉ, Etienne .**Tratado de Medicina Interna..**
341 Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2022.
342
343 FARIA, R. O. Fungos Dimórficos e Relacionados com Micoses Profundas. In: JERICÓ, M.
344 M.; KOGIKA, M. M.; NETO, J. P. A. **Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos.** 2 v.
345 1. ed. São Paulo: Roca, 2014. cap. 11, p. 87-98
346
347 FIOCRUZ. **Esporotricose: Pesquisadores esclarecem sobre doença que pode afetar**
348 **animais e humanos.** Disponível em: [https://portal.fiocruz.br/noticia/esporotricose-](https://portal.fiocruz.br/noticia/esporotricose-pesquisadores-esclarecem-sobre-doenca-que-pode-afetar-animais-e-humanos)
349 [pesquisadores-esclarecem-sobre-doenca-que-pode-afetar-animais-e-humanos.](https://portal.fiocruz.br/noticia/esporotricose-pesquisadores-esclarecem-sobre-doenca-que-pode-afetar-animais-e-humanos) Acesso em: 7
350 de outubro de 2023.
351
352 GOVERNO DA PARAÍBA. **Nota técnica esporotricose.** Disponível em:
353 [https://paraiba.pb.gov.br/noticias/secretaria-da-saude-orienta-municipios-sobre-a-micose-](https://paraiba.pb.gov.br/noticias/secretaria-da-saude-orienta-municipios-sobre-a-micose-esporotricose/nota-tecnica-esporotricose.pdf)
354 [esporotricose/nota-tecnica-esporotricose.pdf.](https://paraiba.pb.gov.br/noticias/secretaria-da-saude-orienta-municipios-sobre-a-micose-esporotricose/nota-tecnica-esporotricose.pdf) Acesso em: 26 nov. 2023.
355
356 GREENE, C. E. **Doenças Infecciosas em Cães e Gatos.** 4. ed. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara
357 Koogan, 2015. 678 p.
358
359 GUIMARÃES, T. M.; GUIMARÃES, A. B. **Esporotricose felina: Relatos de caso.** *Revista*
360 *Veterinária e Zootecnia*, [S.l.], v. 16, n. 01, a1005, p. 1-6, jan. 2022. Disponível em:
361 [https://www.pubvet.com.br/uploads/89c16e176dadecca065eab84ce642604.pdf.](https://www.pubvet.com.br/uploads/89c16e176dadecca065eab84ce642604.pdf) Acesso em 11
362 out. 2023.
363
364 INOVA VETERINÁRIA. **Esporotricose Felina.** Disponível em:
365 [https://inovaveterinaria.com.br/esporotricose-felina/.](https://inovaveterinaria.com.br/esporotricose-felina/) Acesso em: 9 de novembro de 2023.
366
367 JERICÓ, Márcia Marques de. **Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos.** 1. ed. Rio de
368 Janeiro: Editora Roca, 2015.
369
370 JOÃO PESSOA PREFEITURA. **Zoonoses registra mais de 400 casos de esporotricose em**
371 **João Pessoa e orienta sobre diagnóstico precoce.** Disponível em:
372 <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/zoonoses-registra-mais-de-400-casos-de->

- 373 esporotricose-em-joao-pessoa-e-orienta-sobre-diagnostico-precoce/. Acesso em: 26 nov.
374 2023.
- 375
- 376 LARSSON, C. E. Lucas R. **Tratado de Medicina Externa Dermatológica Veterinária: a**
377 **época contemporânea**. 2. ed. São Paulo: InterboEditora, 2019. 1216 p.
- 378
- 379 MEGID, J.; RIBEIRO, M. G.; PAES, A. C. **Doenças Infeciosas em Animais de**
380 **Companhia e de Produção**. Editora XPTO, 2020.
- 381
- 382 MINISTÉRIO DA SAÚDE (BRASIL). **Esporotricose**. Disponível em:
383 <https://bvsmms.saude.gov.br/esporotricose/>. Acesso em: 7 de outubro de 2023.
- 384
- 385 MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Esporotricose Humana**. Disponível em:
386 <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/e/esporotricose-humana>. Acesso em:
387 18 de out 2023.
- 388
- 389 NELSON, R. W.; COUTO, C. G. **Medicina Interna de Pequenos Animais**. 5. ed. Rio de
390 Janeiro: Guanabara Koogan, 2015. 1394 p.
- 391
- 392 NEVES, B.; NÓBREGA, L.; BARROS, Y.; VASCONCELOS, M.; TRINDADE, L.
393 **Esporotricose: Relato de caso**. *Revista de Ciência de Saúde Nova Esperança*, [S.l.], v. 16, n.
394 1, p. XX-YY, 2018. Disponível em: [http://www.facene.com.br/wp-](http://www.facene.com.br/wp-content/uploads/2018/05/3.-ESPOROTRICOSE-RELATO-DE-CASO.pdf)
395 [content/uploads/2018/05/3.-ESPOROTRICOSE-RELATO-DE-CASO.pdf](http://www.facene.com.br/wp-content/uploads/2018/05/3.-ESPOROTRICOSE-RELATO-DE-CASO.pdf). Acesso em: 15 de
396 out. 2023.
- 397
- 398 PEREIRA, S. A.; SCHUBACH, T. M. P.; GREMIÃO, I. D. F.; SILVA, D. T. da;
399 FIGUEIREDO, F. B.; ASSIS, N. V. de; PASSOS, S. R. L. **Aspectos terapêuticos da**
400 **esporotricose felina**. *Acta Scientiae Veterinariae*, [S. l.], v. 4, p. 311–321, 2018. DOI:
401 10.22456/1679-9216.16781. Disponível em:
402 <https://seer.ufrgs.br/index.php/ActaScientiaeVeterinariae/article/view/16781>. Acesso em: 1
403 nov. 2023.
- 404
- 405 PIRES, Camila. **Revisão de literatura: esporotricose felina**. *Revista de Educação*
406 *Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP*, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 16-23,

407 2017. Disponível em: [https://www.revistamvez-](https://www.revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/36758/41346)
408 [crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/36758/41346](https://www.revistamvez-crmvsp.com.br/index.php/recmvz/article/view/36758/41346). Acesso em: 23 out. 2023.

409
410 SCIEDIRECT. **Exploring the potential of artificial intelligence in healthcare.**
411 Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1413867023005457>.
412 Acesso em: 23 nov. 2023.

413
414 SEER UFRGS. **Aspectos terapêuticos da esporotricose felina.** Disponível em:
415 <https://seer.ufrgs.br/index.php/ActaScientiaeVeterinariae/article/view/16781>. Acesso em: 1 de
416 novembro de 2023.

417
418 SECRETARIA DE ESTADO DA SAÚDE DO PARANÁ. **Esporotricose.** Disponível em:
419 <https://www.saude.pr.gov.br/Pagina/Esporotricose>. Acesso em: 9 de novembro de 2023.

420
421 SILVA, G. L.; NEGRINI, L. K. O. **Esporotricose em felinos domésticos: revisão de**
422 **literatura. Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do**
423 **CRMV-SP, São Paulo, v. 21, e38419, 2023. DOI:**
424 <https://doi.org/10.36440/recmvz.v21.38419>. Acesso em: 11 out. 2023.

425
426 SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA. **Esporotricose.** Disponível em:
427 <https://www.sbd.org.br/doencas/esporotricose/>. Acesso em: 22 de outubro de 2023.

428
429 SOUZA, Mary´Anne. **CLÍNICA MÉDICA DE PEQUENOS ANIMAIS.** Salvador: Editora
430 Sanar, 2020.

431